

INCUBADORA DE EMPREENDIMENTOS SOLIDÁRIOS: UMA NOVA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR

Andréa Paula dos Santos¹

Andressa Maravieski²

Bethyan Kelly Roesler da Silva³

Elcio Fernando de Avila Pedrozo³

Faustino Pereira Filho⁴

Karla Beatriz Roesler da Silva³

Manuela Salau Brasil⁵

Marcos Paulo Dambrós³

Marina Monteiro Rodrigues³

Shana Eloisa Christiano⁶

Vera Cristiane Ferreira³

A Economia Solidária⁷ apresenta-se, no contexto contemporâneo, como uma possibilidade de enfrentamento da precariedade das relações de trabalho, do desemprego e da alienação e da exploração do trabalhador. O trabalho na perspectiva da Economia Solidária baseia-se “na propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual”. (SINGER, 2002, p.10).

Com a intenção de difundir essa nova perspectiva, as universidades de diversos locais do país desenvolveram projetos regionais de consolidação de empreendimentos solidários, sendo estes cooperativas, associações, clubes de trocas, feiras solidárias, dentre outros, baseados nos princípios de solidariedade e autogestão.

A primeira Incubadora nesses moldes surgiu no estado do Rio de Janeiro, dando início a uma posterior rede de Incubadoras, objetivando socializar suas experiências e metodologias.

IESOL – UEPG

A criação da IESOL – Incubadora de Empreendimentos Solidários - no município de Ponta Grossa, fez e faz parte de um processo ainda em construção, tendo seu início na participação da UEPG – Universidade Estadual de Ponta Grossa - no curso “Introdução à

Resumo: A construção deste artigo teve por objetivo a apresentação da IESOL (Incubadora de Empreendimentos Solidários) enquanto um Programa de Extensão da Universidade Estadual de Ponta Grossa – Paraná, para a comunidade em geral. Em seu desenvolvimento, este artigo contém breve consideração sobre a questão da precarização do Trabalho e suas implicações sócio-econômicas como o desemprego, a exploração da mão-de-obra e a ausência de direitos trabalhistas. Neste contexto, a Economia Solidária surge como alternativa de questionamento e de enfrentamento destas relações, como perspectiva que visa à geração de trabalho e de renda que tem por valores: a democracia, a igualdade e a emancipação. Abordaremos o trabalho realizado pela IESOL através de sua metodologia de ação, que tem por fases: pré-incubagem, incubagem e desincubagem, relatando as experiências com os empreendimentos com os quais realizamos os primeiros contatos. Posteriormente iremos considerar as ações da Incubadora, salientando a importância desta como um Programa de Extensão Universitária.

Palavras-chave: Economia Solidária. Incubadora. Extensão Universitária.

Abstract: This article aims to present the IESOL (Incubadora de Empreendimentos Solidários) as an Extension Program of the Universidade Estadual de Ponta Grossa for the community. This article is a brief consideration about the lack of jobs and its social and economic implications as unemployment, labor exploration and working laws absence. Among this context, Solidary Economy emerges like an alternative way to face these problems and to generate new jobs based on democracy, equality, and emancipation. The work which has been done by IESOL is divided into phases (pre-incubation, incubation and unincubation) and, we present some results obtained during our first contacts. After that we take into account the Incubator actions emphasizing its importance like an academic extension program.

Keywords: Solidary Economy. Incubator. Academic Extension program.

Economia Solidária”, promovido pela SETP (Secretaria de Estado, Emprego e Promoção Social), em parceria com a ITCP/UFPR – Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares / Universidade Federal do Paraná, que desencadeou um processo de reflexão acerca da importância da criação de um núcleo regional de mobilização, em prol da Economia Solidária. A

¹ Professora Dra. em História Econômica.

² Assistente Social, assessora da IESOL.

³ Estagiários do curso de Administração, História e Serviço Social.

⁴ Geógrafo, assessor da IESOL.

⁵ Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Coordenadora da IESOL.

⁶ Economista, Agente de Economia Solidária.

partir daí, foi criado um grupo de discussão a respeito da temática, apoiado e orientado pela ITCP/UFPR, que culminou com a criação da IESOL.

A IESOL é um programa de extensão, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, aprovado pela resolução CEPE (Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão) no. 105 de 27 de setembro de 2005.

Participam do programa professores, servidores técnico-administrativos e alunos da UEPG, além de voluntários, representantes de ONGs, de movimentos sociais, de outras instituições de ensino e de outros órgãos públicos.

O principal objetivo da IESOL é contribuir para a consolidação de empreendimentos populares, organizados de forma coletiva. Para esse fim, utilizamos metodologia de incubagem, dividida em três fases: pré-incubagem, incubagem, desincubagem.

O processo de intervenção com o grupo tem início com a pré-incubagem. Nesta etapa, tendo tempo estimado de seis meses, ocorre o primeiro contato entre os atores sociais⁸, no qual a Incubadora toma conhecimento da realidade vivenciada pelo grupo e de suas expectativas em relação à incubação. São realizados o diagnóstico participativo e as entrevistas de Histórias de Vida⁹ – metodologia que propõe o resgate da história dos indivíduos, tendo fundamental importância para uma atuação comprometida com a valorização do ser humano –, além de serem explorados temas, como Trabalho, Cooperativismo e Associativismo, Autogestão, dentre outros, condizentes com a temática de Economia Solidária. No decorrer e ao final desse processo, é feita uma avaliação da sensibilidade do grupo e da viabilidade econômica do empreendimento.

A segunda fase, denominada incubagem, que pode durar de 18 a 24 meses, inclui pesquisas de mercado, estudo de viabilidade econômica e financeira, elaboração e aprovação de estatuto e regimento, além de assessorias técnicas (contábil, jurídica, econômica, administrativa) e de formação continuada a respeito da Economia Solidária. Além destas questões técnicas ou de gestão, é possível dar continuidade à realização de pesquisas históricas, sociológicas, antropológicas, buscando e ampliando a compreensão da realidade destes trabalhadores.

A terceira e última fase, a desincubagem, tem duração aproximada de seis meses e prepara o grupo para a desvinculação do empreendimento com a Incubadora.

Todo o processo baseia-se na perspectiva freiriana¹⁰, de construção do conhecimento, a partir da realidade vivenciada pelos sujeitos, levando-os à

problematização e à reflexão, objetivando melhora na qualidade de vida de cada um; seu método nega a repetição de conhecimentos por si só e objetiva alfabetização como ponto de partida para uma leitura abrangente do mundo. “A eficácia e validade do “Método” consistem em partir da realidade do alfabetizando, do que ele já conhece, do valor pragmático das coisas e fatos de sua vida cotidiana, de suas situações existenciais”. (FREIRE, 2006). O trabalho é realizado de maneira participativa: nada é feito *para* eles, mas *com* eles, buscando autonomia e emancipação.

Atuação nos primeiros empreendimentos

Os primeiros empreendimentos com os quais a IESOL teve contato foram a Feira Solidária do Bom Jesus e a Associação Verde Esperança.

A Feira Solidária do Bom Jesus conta com aproximadamente 15 produtores, sendo a maioria moradora do bairro de Uvaranas, complementando sua renda nessa atividade. Ela acontece mensalmente no segundo Domingo, pela manhã, em frente à Igreja Bom Jesus, tendo como principal público, os frequentadores das missas dominicais.

A aproximação da Incubadora com a Feira Solidária

⁷ Para maior compreensão a respeito da Economia Solidária, indicamos as seguintes obras: ANDRADE, A. M. de. et al. **A comercialização na Economia Solidária**. São Paulo: ADS; CUT, 2002 e SINGER, Paul; SOUZA, André R. de. **A Economia Solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego**. São Paulo: Contexto, 2000.

⁸ De maneira geral, por atores sociais entendemos os indivíduos organizados em torno de um projeto societário comum, que tem por objetivo principal a viabilização deste projeto. No caso específico, podem ser entendidos como atores sociais tanto os membros da IESOL quanto os trabalhadores dos empreendimentos atendidos pelo Programa.

⁹ “História de vida é a narrativa que cada pessoa faz de si mesmo. É a visão de mundo que cada um transmite aos outros.” Está inserida na metodologia de História Oral, que “tem papel fundamental no processo de resgate de uma identidade de um determinado grupo social, não somente como fonte de informação sobre seus costumes e vivências, mas também como estímulo à participação da comunidade no processo de valorização do patrimônio coletivo.” (MUSEU DA PESSOA, 2006).

¹⁰ Para maior compreensão a respeito do Método Paulo Freire, indicamos a seguinte referência: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 29. ed. São Paulo: Paz e Terra. 2000.

ria teve seu início em meados de setembro de 2005, através de idas a reuniões mensais, nas quais pôde-se iniciar uma troca de conhecimento. Foi feito o Diagnóstico do grupo, entrevistas de História de Vida, e intervenções eventuais, com a participação no evento festivo, de dois anos da Feira e a explicação, por parte de um advogado, de questões relativas à legitimação do grupo.

O outro empreendimento, que vem sendo acompanhado pela Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, através da Secretaria Municipal de Assistência Social, é da Associação Verde Esperança, que agrega trabalhadores da jardinagem e outros serviços. Durante o mês de novembro de 2005, foram realizadas duas reuniões entre a IESOL e a Associação. Nestas reuniões, foi possível conhecer parte de sua história, alguns integrantes, seus objetivos, bem como a situação em que se encontrava. Uma das ferramentas utilizadas neste processo foram as entrevistas de Histórias de Vida, com quatro participantes, que se disponibilizaram em relatar os fatos mais importantes de sua vida, e também aqueles referentes à Associação.

A partir disso, pôde-se apresentar uma pré-análise do grupo, com pontos levantados pela Incubadora e pelos próprios associados. Estas necessidades são referentes à transformação do grupo em uma cooperativa, à qualificação do grupo, à necessidade, por parte de todos, de aprendizagem das ferramentas de autogestão, incluindo a área contábil, financeira e o senso de cooperativismo entre os associados.

A IESOL enquanto Programa de Extensão

O termo extensão significa, entre outros, ampliação e dimensão. (FERREIRA, 1989, p. 226). No contexto universitário tem o sentido de ampliar o alcance dos estudos em direção à comunidade regional, ou seja, não se detendo ao academicismo, mas adentrando nas questões e nas necessidades apresentadas pela sociedade local.

Considerando a importância da Extensão Universitária, tanto para os acadêmicos como para a comunidade de Ponta Grossa e Região, a IESOL possibilita o fortalecimento do tripé Ensino, Pesquisa e Extensão por ser um espaço de trocas entre várias áreas do saber, propondo um trabalho com grupos de pessoas excluídas do mercado formal de trabalho e de serviços básicos como habitação, saúde e educação.

Segundo a metodologia utilizada, a atuação da IESOL é bastante ampla e demanda visões diferenciadas sobre um mesmo objetivo: campo propício ao trabalho interdisciplinar.

A IESOL como perspectiva de trabalho Interdisciplinar

Apesar dos “modismos” acerca deste assunto epistemológico, por considerar qualquer agrupamento entre duas ou mais disciplinas como interdisciplinar, convém estabelecermos suas características principais, diferenciando-a de outras e contextualizando o seu surgimento.

A Interdisciplinaridade aparece como um remédio para a doença do saber, “constitui um convite a lutar contra a multiplicação desordenada das especialidades e das linguagens particulares nas ciências”. (JAPIASSU, 1976, p.54), pois desde a Antiguidade, Ciência e Filosofia permaneciam juntas e com a revolução científica proposta por Galileu Galilei, no século XVII, com as mudanças significativas da Revolução Industrial somadas, ao Positivismo de Augusto Comte, as ciências separaram-se e propuseram métodos e técnicas próprios, fazendo surgir também a figura do especialista.

Faz-se importante salientar que os avanços científicos e tecnológicos contribuíram bastante para o estudo dos homens e dos fenômenos, apesar de sempre estarem submissos à ordem capitalista, mas estes avanços dão ao conhecimento um caráter ambíguo: ao mesmo tempo em que aprofundam o conhecimento sobre as coisas, podem também destruí-las.

Buscando reagrupar as especificidades de cada disciplina e devolver ao conhecimento uma postura de responsabilidade e de ética, visando a uma leitura mais ampla da realidade, em constante movimento, a Interdisciplinaridade se configura, principalmente no trabalho realizado na Incubadora, como a “solidariedade entre as principais disciplinas do conhecimento” (GUSDORF, 1995, p.13), numa relação entre o uno e o múltiplo, não como questões opostas, mas dialéticas: uno, na visão de homem e de mundo comum a todas as disciplinas e múltiplo, respeitando os limites e as particularidades de cada uma delas.

A proposta interdisciplinar pressupõe, antes de tudo, postura pessoal e profissional, essencial, de “abertura para o diferente, de respeito pela posição alheia” (COUTINHO, 1991, p.13), saber falar e saber ouvir. Os integrantes da IESOL, por serem, em sua maioria, acadêmicos, e por estarem dispostos à aprendizagem, proporcionam contribuições significativas nas ações, e todos demonstram maturidade, ao expor em idéias favoráveis ou discordantes sobre vários assuntos.

Obviamente não é apenas esta postura que garante um trabalho interdisciplinar, mas se torna um dos seus critérios mais importantes:

- Na multidisciplinaridade, não chega a ocorrer uma relação entre as disciplinas, ocorre uma justaposição delas, com objetivos individuais e sem nenhuma coordenação.

- Na pluridisciplinaridade, existem trocas de informações entre as disciplinas, mas não são acrescentados conceitos de uma para a outra, os objetivos também são particulares e não há coordenação.

- Na interdisciplinaridade auxiliar, os objetivos são homogeneizados, mas definidos por uma disciplina encampadora, estabelecendo relação de subordinação das outras disciplinas.

- Na interdisciplinaridade, acontece uma interpenetração de conceitos, integração real entre as disciplinas, que possuem vários objetivos, mas com uma problemática em comum, existindo uma coordenação.

- Na transdisciplinaridade, ocorre uma intensidade de relações entre as disciplinas, o que acaba por criar um novo campo, com autonomia teórica e com operativas próprias. Alguns autores consideram que a Ecologia surgiu baseada neste tipo de relação. (JAPIASSU, 1976).

Reconhecemos que a transdisciplinaridade seria a relação ideal a ser buscada, mas modestamente, sabemos que ainda estamos longe de trabalharmos nesta perspectiva, por falta de aprofundamento teórico, prático e das dificuldades de muitos profissionais em ter uma postura coerente com esta propos-

ta.

Atualmente estão presentes, na Incubadora acadêmicos, professores e profissionais de Administração, Agronomia, Contábeis, Direito, Economia, Geografia, História, Pedagogia e Serviço Social, vislumbrando um trabalho interdisciplinar, concreto, através das reuniões realizadas semanalmente, onde todos contribuem e trazem elementos que auxiliam a determinar as ações a serem realizadas, sem supremacia de conhecimentos, discutindo juntos e com igualdade, o planejamento, a operacionalização e a avaliação das atividades.

A interdisciplinaridade, dentro da IESOL, deve ser considerada não apenas em seu ambiente interno, mas principalmente com as pessoas dos empreendimentos abordados. A riqueza das experiências se traduz na abertura para o diferente e no acréscimo de conceitos e de técnicas que acontecem muito mais fora da Incubadora, com os diferentes sujeitos que são cada um, síntese de múltiplas determinações, inseridos num contexto e numa cultura próprios, do que com os “detentores dos saberes” que constituem a IESOL.

Neste contexto, a interdisciplinaridade apresenta-se como um desafio e “quer um relativo milagre: horizontalizar a verticalização, para que a visão complexa seja também profunda, e verticalizar a horizontalização, para que a visão profunda também seja complexa”. (DEMO, 1997, p. 88).

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. M. de. et al. **A comercialização na Economia Solidária**. São Paulo: ADS; CUT, 2002.

COUTINHO, C. N. Pluralismo: dimensões teóricas e políticas. **Cadernos ABESS**, São Paulo, n.4, p. 5-18, 1991.

DEMO, P. **Conhecimento Moderno**: sobre ética e intervenção do conhecimento. Petrópolis: Vozes, p. 83-172, 1997.

FERREIRA, A. B. H. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

FREIRE, A. M. A. A Voz da Esposa: a trajetória de Paulo Freire. Disponível em: <http://www.ppbr.com/ipf/bio/esposa.html#2.%20O%20Metodo>. Acesso em: 10 jun. 2006.

GUSDORF, G. Passado, Presente e Futuro da Pesquisa Interdisciplinar. **Revistas Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 121, p. 7-28, abr./jun.1995.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago. 1976. 220 p.

MUSEU DA PESSOA. Disponível em: http://www.museudapessoa.net/escolas/oq_eh_memoria.htm. Acesso em: 12 jun. 2006.

SINGER, P. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

SINGER, Paul; SOUZA, André R. de. **A Economia Solidária no Brasil**: a autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo: Contexto, 2000.